



## RESENHA

DOI: 10.18310/2446-48132021v7n1.3355g637

### Revisitando o Higienismo: a Revolta da Vacina e o discurso sanitaria

Revisiting Hygienism: the Vaccine Uprising and the sanitary discourse

#### Leandro Gracioso de Almeida e Silva

Doutor em História; Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

E-mail: leandrogalmeida@unifesspa.edu.br

ORCID: 0000-0002-0968-6323

#### Carlos Podalirio Borges de Almeida

Doutor em Ciências Pneumológicas; Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

E-mail: carlosalmeida1410@hotmail.com

ORCID: 0000-0003-0254-4178

#### Resumo

*A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes* de Nicolau Sevcenko é uma nova edição de 2018 da Editora UNESP. A obra é um clássico da historiografia brasileira e se propõe a analisar a primeira revolta urbana do período republicano. Muito além da questão sanitária o movimento se propunha a rebelar-se contra uma série de iniciativas políticas, sociais, econômicas e de higiene impostas entre 1904 e 1905 na cidade do Rio de Janeiro, epicentro de uma nova percepção de como deveria ser a vida em sociedade.

**Palavras-chave:** Saúde Pública; História do Século XX; Reforma Urbana.

#### Abstract

*The Vaccine Uprising: Insane Minds on Rebel Bodies* by Nicolau Sevcenko is a new 2018 edition of Publishing Company UNESP. The book is a classic of Brazilian historiography and aims to analyze the first urban uprising of the republican period. Far beyond the health issue, the movement proposed to rebel against a series of political, social, economic and hygienic initiatives imposed between 1904 and 1905 in the city of Rio de Janeiro, the epicenter of a new perception of what life should be like in society.

**Keywords:** Public Health; 20th Century History; Urban Reform.

#### Introdução

*A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*, de Nicolau Sevcenko, foi publicada pela primeira vez em 1984 e possui uma última edição em 2018. Embora o autor tenha falecido em 2014, fazendo da edição da UNESP que aqui se resenha uma edição póstuma, o texto, salvo a inserção desta informação na seção “sobre o autor”, não foi alterado substancialmente quando comparado à sua última versão da Cosac Naify. O livro contém 134 páginas estando dividido em introdução, quatro capítulos e conclusão. Possui um apêndice com a cronologia política, social e econômica, as referências bibliográficas, e o posfácio à edição de

2010, já presente na edição da Cosac Naify. Por fim, há a seção sobre o autor, os créditos das imagens e um índice onomástico. Portanto, esta reedição se justificou pela importância historiográfica e pelo fato da Cosac Naify ter falido em 2015, o que impediria a difusão de reimpressões/reedições.

A reedição, como em versões anteriores, segue repleta de imagens, contém epígrafes de autores diversos e inúmeros trechos de jornais. Desse modo, Sevckenko apresenta ao leitor como observadores divergentes analisaram a revolta. Ele defende ainda que a Revolta da Vacina deve ser compreendida não somente como simples resistência à vacinação compulsória da varíola, proposta em 1904. Ela foi, essencialmente, um movimento popular que traduziu uma insatisfação mais ampla às medidas que visavam, muito além de erradicar doenças no Rio de Janeiro. Estava em curso uma reformulação do traçado urbano de uma vasta região no centro e imediações que visava melhorar a utilização do porto e eliminar os resquícios de uma cidade que não havia se alterado drasticamente ao longo do período colonial e do Império. Tentava-se eliminar problemas de saúde pública, mas também antigas convivências socioeconômicas.

Contudo, diante da imposição central verticalizada, houve um tensionamento entre o Estado e os setores menos abastados que, evidentemente, não estavam entre os beneficiados. O que o governo pretendia, era pôr em prática uma iniciativa ousada, pouco democrática e burguesa, que embelezaria a cidade aos olhos dessa elite e lhe daria uma funcionalidade de acordo com os seus interesses. Por isso havia a necessidade de eliminação desde os cortiços até os negócios populares. Nada podia escapar.

Sevckenko propôs uma interpretação, para além dos registros oficiais, desse motim urbano. Baseando-se em fontes variadas, observou o que escapava da narrativa oficial, inserindo o leitor num conflito multifacetado, demonstrando a tradição autoritária brasileira e, no pós-fácio, apontou informações relevantes para compreender sua escrita, destacando que se encheu de amargura ao escrever porque sentia uma desesperança similar à dos sonhos não concretizados das vítimas da Revolta da Vacina. Com o fim da ditadura militar se aproximando, havia, em sua geração, a expectativa de que a mudança política permitiria mais justiça social o que, na prática, não aconteceu. Analisando o passado de outras epidemias, a obra se faz atual por permitir perceber processos, em especial como as doenças foram instrumentos para fins políticos.

No primeiro capítulo, o autor discorre sobre o plano de regulação da aplicação da vacina da varíola em 1904 e sobre a memória da população carioca diante das epidemias, principalmente, a de febre amarela e da truculência usada para erradicá-la. Além disso, evidencia que a moral da época era diferente da atual e que não houve uma preparação psicológica da população para a necessidade da vacinação. Diante dessa não preparação, o confronto parecia inevitável. Assim, com o acirrar dos ânimos, o governo recuou brevemente quanto a obrigatoriedade da vacina. Mas o desejo de retomar o saneamento de corpos e mentes não desapareceria.

No segundo capítulo, o autor perpassa por questões políticas, econômicas e sociais como os arrochos devido a redução do Estado, criação e aumento dos impostos e a crise nos serviços e indústria. Esse difícil momento político culminaria no reforço da justificativa de se reformular a cidade, a fim de minorar as dificuldades de locomoção e escoamento da produção nacional pelo porto do Rio de Janeiro. Ressalta ainda, a criação de uma lei que permitiu invadir, vistoriar e demolir construções. A mesma lei inclusive, criou um foro próprio para dirimir resistências. No terceiro capítulo, Sevckenko apresenta as condições de habitação e urbanização do Rio de Janeiro e como o crescimento dos cortiços devido ao grande número de ex-escravizados e imigrantes foi visto como um problema a ser resolvido, mas a solução, como já comentado acentuava a segregação dos grupos mais vulneráveis.

No quarto capítulo apresenta como a repressão às camadas consideradas “entulhos humanos” representava uma extensão da política de “saneamento e profilaxia”. Lima Barreto testemunhou a revolta e argumentava, porém, que havia entre os manifestantes pessoas de posições sociais diversas, não se tratando assim de transgressores costumazes da Lei. Embora as fontes oficiais insistissem em diminuí-los em importância e em número havia uma maioria que rejeitava essa autoridade. Esse novo modo da elite enxergar a vida em sociedade não suporta a visão da doença, da rebeldia, da miséria ou da morte, por isso era necessário separar espaços, ócio, moradia e trabalho não podiam conviver.

A moção de louvor ao presidente do Brasil, à época, em congressos sanitários e os elogios na imprensa internacional demonstram que a repressão tinha apoio dos setores influentes no país e no exterior. Vacinava-se e se reformulava a malha urbana para compensar o atraso que o país supostamente estava antes do advento da República e assim o país ganharia prestígio internacional. Mas, a permanência da violência dos tempos da escravidão que se inseria na relação entre senhor e cativo, não tinha desaparecido na abolição, porém passava para o Estado que reprimia os setores populares com igual agressividade.

Nas considerações finais, o autor encerra trazendo os conceitos de capitalização, cosmopolitização e aburguesamento que faziam do Rio de Janeiro um laboratório da República. Ademais, foi esse contexto de mudanças que culminou numa nova sociedade brasileira. O processo trazia fórmulas antigas, discriminação, exclusão e controle social contra os grupos destituídos, mas agora com novos ideais. Assim, a Revolta da Vacina foi mais do que um simples movimento particular, foi um prelúdio das poucas alterações sociais que a instalação da República brasileira trouxe.

### Referências

<sup>1</sup> Sevcenko N. **A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

**Submissão: 08/10/2020**

**Aceite: 02/12/2020**